

# Redescoberta Antártica



Tamara Klink juntamente com Matheus, Valdemir e Elias - os vencedores do Concurso Cultural da Marinha "O Brasil na Antártica"

**E**m janeiro de 2014, quando comecei a produzir o vídeo com o qual eu e minha professora de biologia participaríamos do concurso promovido pela SECIRM, eu não fazia a ideia de aquela série de escolhas de palavras e imagens seriam nosso passaporte para uma Antártica inteiramente desconhecida por ela e por mim. Isso pode soar estranho para alguns, que consideram que duas viagens para um mesmo lugar, são completamente iguais. Ou talvez para aqueles que acham que a Antártica é um lugar inteiramente branco onde os animais são poucos e parecidos. Porém, eu não só visitaria a Estação Antártica Comandante Ferraz, sobre a qual eu só tinha ouvido falar, mas reveria um ambiente ao lado de pesquisadores, e com um surpreendente apoio logístico.

Ir de Punta Arenas até a Ilha Rei George vendo o mar de cima para baixo, da cabine do Hércules, me fez até querer que a viagem durasse os mesmos três dias que costumamos levar para ir de barco até lá. Em março de 2014, o curto tempo que passamos na Antártica foi dividido entre o helicóptero e a Estação. As cenas que via da janela, os

icebergs grandes, parecendo pequenos, as rachaduras nas montanhas de neve, as ondas, que eram finos risquinhos brancos no mar, foram as mais incríveis até então. Nas duas horas mais longas e mais curtas da minha vida, passei rápida e atentamente pela Estação com o sentimento de que jamais pisaríamos ali de novo.

Qual não foi minha surpresa ao descobrir, em dezembro do mesmo ano, que voltaríamos àquele lugar? Mas não foi igual, nunca é. Sem arremetidas, pousamos em Frei outra vez, em janeiro. Ao chegar de helicóptero em Ferraz, jubartes e imperadores (não pinguins, mas a tripulação do grupo base) vieram nos dar as boas vindas. Em três dias, assistimos coletas e preparação de equipamentos por pesquisadores, visitamos colônias de pinguins e elefantes-marinhos, vimos pequenos desprendimentos de gelo e conheci uma Antártica totalmente diferente da que eu conhecia.

Depois da experiência na Estação, fomos ao navio Almirante Maximiano, e ganhamos dias extras devido a um mar "ruim". Mais do que o navio em si, gostei de conhe-

cer algumas das muitas pessoas que trabalham nele, a maioria delas, com sorrisos que cortam a face até as orelhas; gente que vira noites e dias para mapear o fundo do mar, fazer coletas de água de diversas profundidades e trazer pra cima uma amostra de solo de quilômetros abaixo do nível do mar. Os pesquisadores nos mostraram um pouco dos seus muitos tesouros científicos, tesouros estes que não estavam nas algas, líquens ou pedaços de gelo, mas na combinação destes elementos com seus conhecimentos e sua capacidade de torná-los úteis para descobertas científicas e desenvolvimento de medicamentos, pesticidas menos tóxicos, entre outros.

Voltar para casa depois dessa viagem não foi algo feliz, a princípio. Mas poder compartilhar essa experiência muitas e muitas vezes, com gente que, assim como eu, não conhecia bem o trabalho do Brasil acima dos 60 graus de latitude, me fez contente por poder multiplicá-la e imensamente agradecida a todas as pessoas que contribuíram com ela.

Fonte: Tamara Klink - Uma das quatro vencedoras do concurso cultural "O Brasil na Antártica", realizado pela Marinha do Brasil.